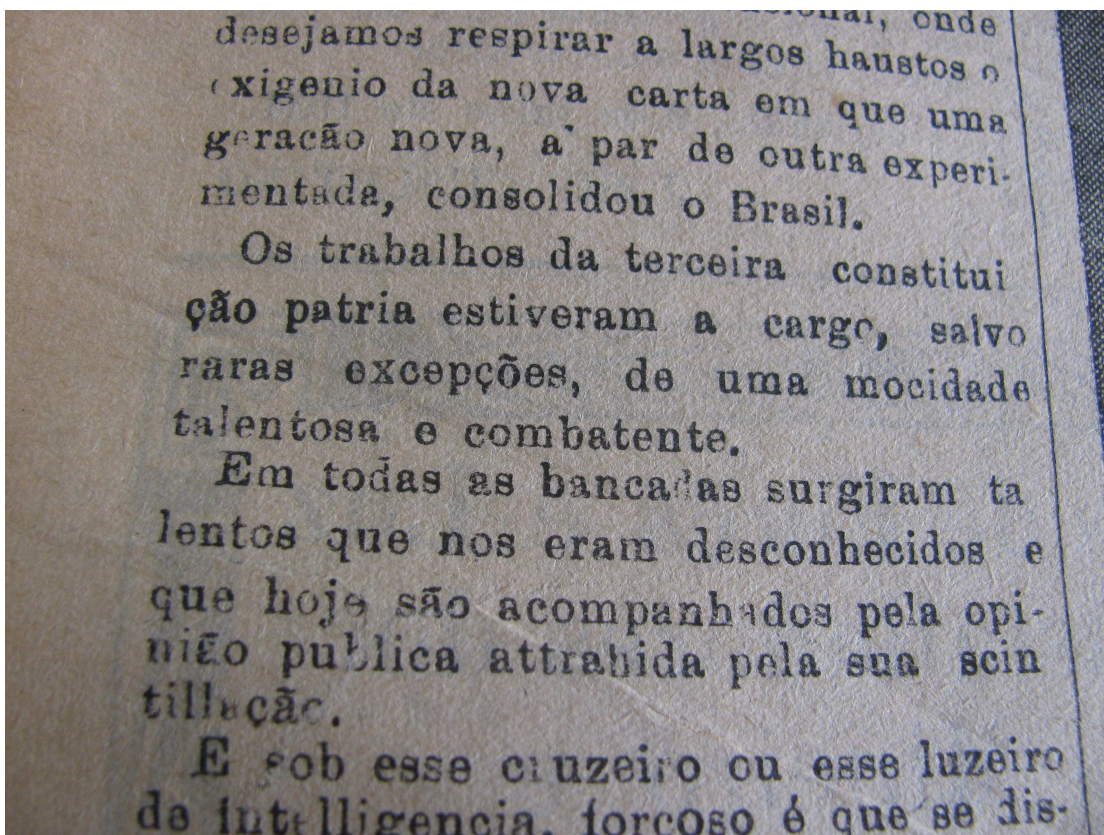
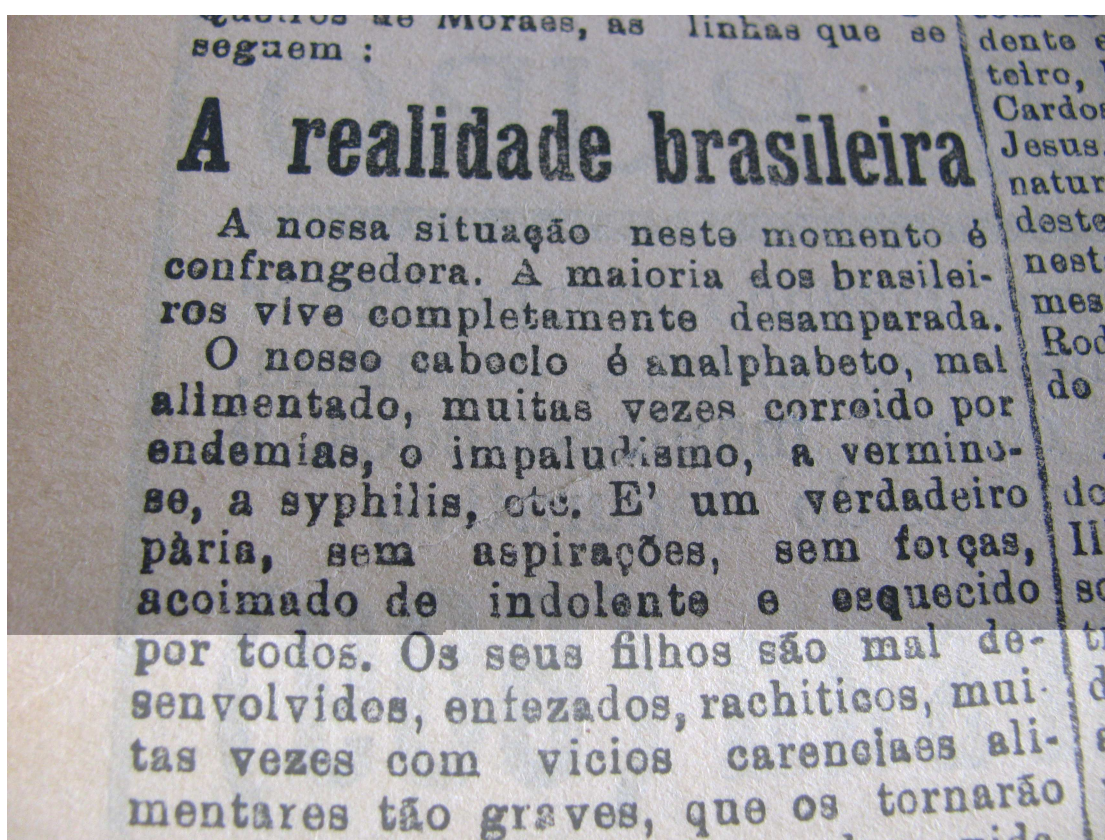


Fonte: Jornal "A Tribuna" 18 de julho de 1934



Fonte: Jornal "A Tribuna" 18 de julho de 1934

O apoio à Constituição de 1934 elucida a percepção das forças políticas da cidade oferecendo e, principalmente, visando obter apoio do Governo Federal para a região. O jornal retrata a percepção das elites uberlandenses sobre a política nacional destacando o conservadorismo existente na região. Getúlio Vargas é entendido como uma espécie de guia da sociedade brasileira. É assim que a comoção demonstrada pelo jornal pela eleição governamental exemplifica uma concepção classista existente na cidade voltada para a busca de alianças políticas que trouxessem ganhos para essas mesmas classes. Este é o sentido atribuído a essa manifestação através da imprensa.



Fonte: Jornal "A Tribuna" 18 de julho de 1939

O nosso cabeclo é analphabeto, mal alimentado, muitas vezes corroído por endemias, o impaludismo, a verminose, a syphilis, etc. E' um verdadeiro pária, sem aspirações, sem forças, acoimado de indolente e esquecido por todos. Os seus filhos são mal desenvolvidos, enfezados, rachiticos, muitas vezes com vicios carenciaes alimentares tão graves, que os tornarão inúteis e soffredores por toda a vida, e um fardo pesado para a sociedade. Abandonados como vivem, não é possível que comprehendam, amem e se sacrifiquem pela Patria.

Não esqueçamos as propheticas palavras do saudoso professor Miguel Pereira: — " . . . o Brasil é ainda

Fonte: Jornal "A Tribuna" 18 de julho de 1939

Abandonados como vivem, não é possível que comprehendam, amem e se sacrifiquem pela Patria.

Não esqueçamos as propheticas palavras do saudoso professor Miguel Pereira: — " . . . o Brasil é ainda um immenso hospital. Num impressionante arroubo de oratoria, já perorou na Camara illustre parlamentar que, se fosse mistér, iria elle, de montanha em montanha, despertar os caboclos desses sertões. Em chegando a tal extremo de zelo patriotico, uma grande decepção acolheria sua generosa e nobre iniciativa. Parte, e parte ponderavel dessa brava gente não se

Fonte: Jornal "A Tribuna" 18 de julho de 1939

Tanto é que apesar do manifesto favorável ao governo federal, tal qual

elucidado pelas fontes apresentadas, no decorrer do governo, com o país já instaurado em um processo ditatorial, o apoio no passado era lembrado no presente. As críticas ao analfabetismo dos caboclos trabalhadores na região exemplifica esta afirmação. O analfabetismo constituía a negação da construção de um novo país movimentado pelos avanços singulares em seu tempo da ciência e tecnologia, tal qual demonstraremos um pouco mais a frente.

A demonstração das precárias condições humanas e econômicas existentes na região sinalizava a busca de apoio político do governo Vargas, uma leitura “compreensiva” da sociedade que sinalizava à ordem competente que as condições materiais ali reinantes constituiriam entraves para o próprio controle político da região pelas elites locais ali existentes. É nesse sentido que entendemos a sinalização política para ajuda econômica, negando qualquer mudança governamental e apelando ao patriotismo como convencimento para a situação.

O pensamento católico também se fazia presente no jornal. As discussões sobre as relações entre a Igreja e o Estado, existentes em todos os jornais da região do Triângulo Mineiro pesquisados, também se manifestavam em suas notícias.

A IGREJA E O ESTADO

Com a eleição do novo papa, o cardeal Pacelli, que adoptou o nome de Pio XII, entrou a imprensa de todo o mundo a tecer prognósticos a cerca da orientação que o novo Pontífice imprimirá aos destinos da Igreja de Christo.

E' fora de duvida que o novo papa, adoptando o nome de seu augusto antecessor, demonstrou com isso estar disposto a proseguir na obra de Pío XI, oppondo, com toda a energia, a força moral da Igreja contra a onda ameaçadora da guerra e do racismo, que se alastra assustadoramente pela Europa.

De resto, o proprio facto de substituir a um papa o seu proprio secretario — o que é fora de praxe nos annaes do Vaticano — parece indicar, mesmo, uma resolução defnida e definitiva, por parte dos principes da Igreja, no sentido de não haver solução de continui-

prio termo o indica, attribue ao Estado a gerencia de todos os movimentos do individuo e da sociedade, quer os de ordem economica, quer os de natureza politica e espiritual. O Estado deixa de ser um MEIO destinado á consecução da ordem e do bem-estar dos cidadãos, para tornar-se uma authentica FINALIDADE, para a qual têm que voltar-se todas as energias da nação.

Surge dahí a invasão da esfera espiritual, do campo re-

imprensa de todo o mundo a tecer prognósticos a cerca da orientação que o novo Pontífice imprimirá aos destinos da Igreja de Christo.

E' fora de duvida que o novo papa, adoptando o nome de seu augusto antecessor, demonstrou com isso estar disposto a proseguir na obra de Pío XI, oppondo, com toda a energia, a força moral da Igreja contra a onda ameaçadora da guerra e do racismo, que se alastra assustadoramente pela Europa.

De resto, o proprio facto de substituir a um papa o seu proprio secretario — o que é fora de praxe nos annaes do Vaticano — parece indicar, mesmo, uma resolução defnida e definitiva, por parte dos principes da Igreja, no sentido de não haver solução de continui-

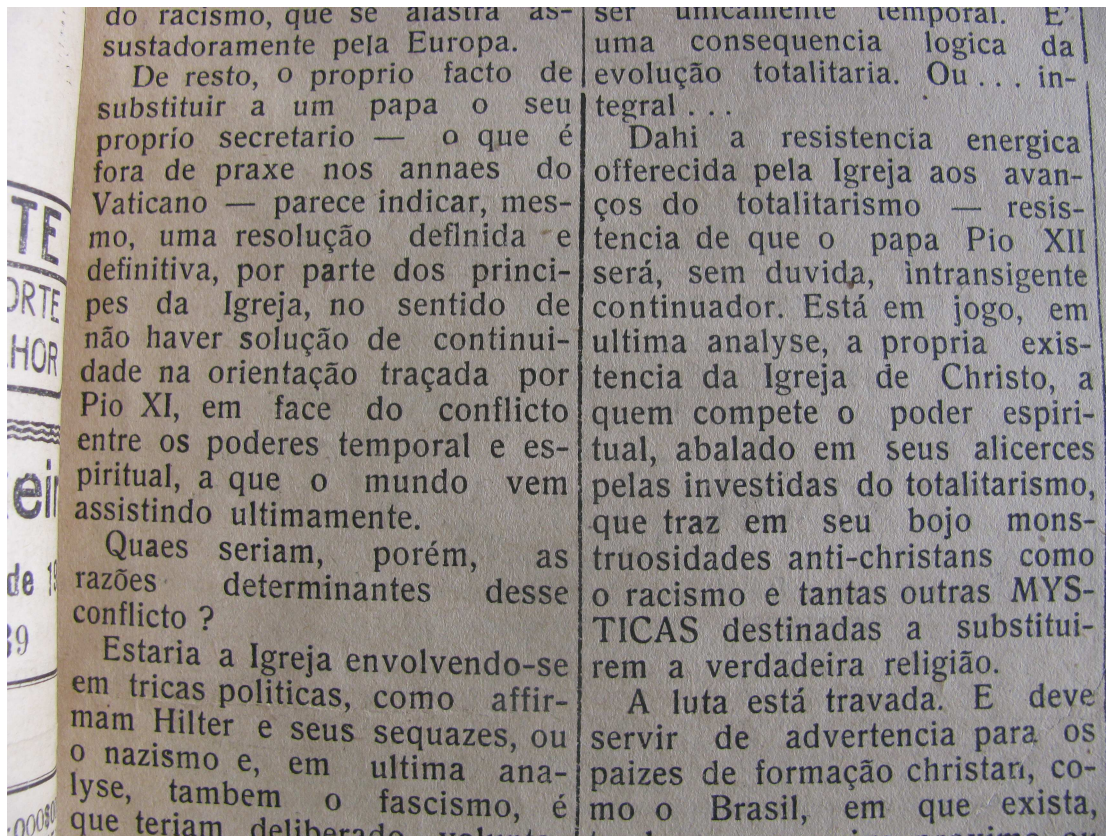
sociedade, quer os de ordem economica, quer os de natureza politica e espiritual. O Estado deixa de ser um MEIO destinado á consecução da ordem e do bem-estar dos cidadãos, para tornar-se uma authentica FINALIDADE, para a qual têm que voltar-se todas as energias da nação.

Surge dahí a invasão da esfera espiritual, do campo religioso, pelo poder que deveria ser unicamente temporal. E' uma consequencia logica da evolução totalitaria. Ou... integral...

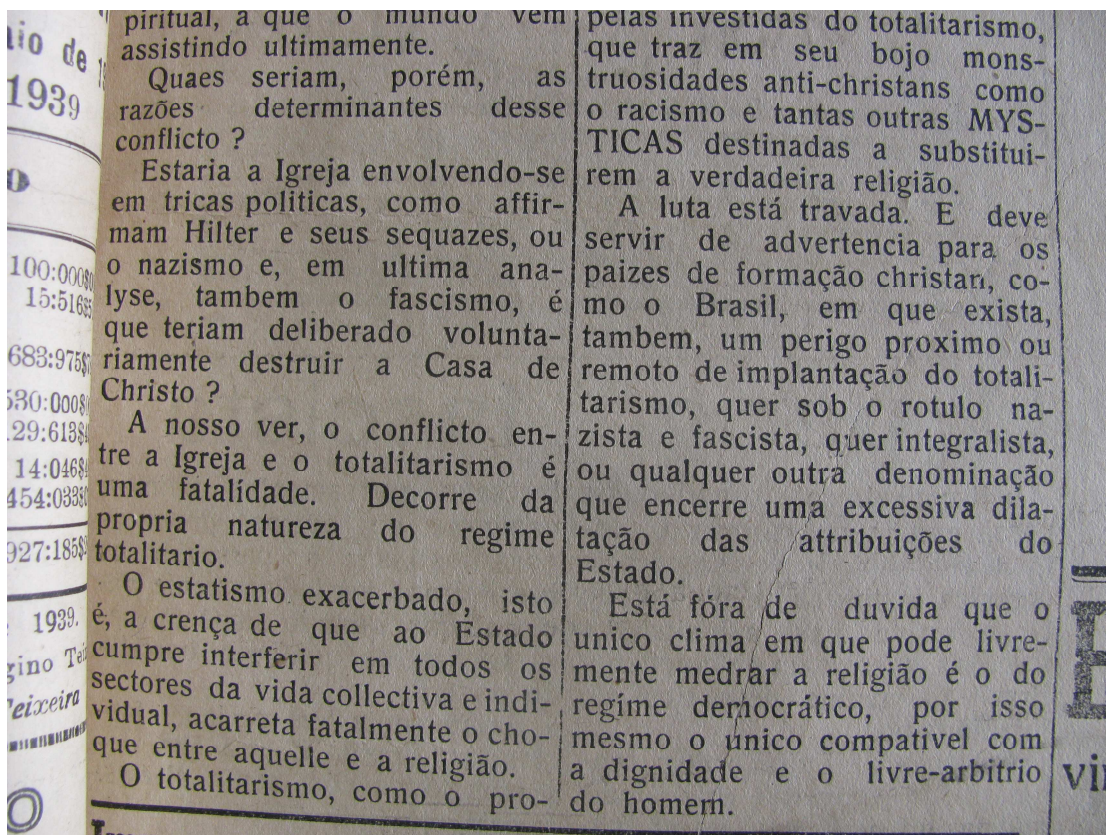
Dahi a resistencia energica offerecida pela Igreja aos avances do totalitarismo — resistencia de que o papa Pio XI será, sem duvida, intransigent continuador. Está em jogo, em ultima analyse a propria exis-

Fonte: Jornal "A Tribuna" 18 de abril de 1939

Fonte: Jornal "A Tribuna" 18 de abril de 1939



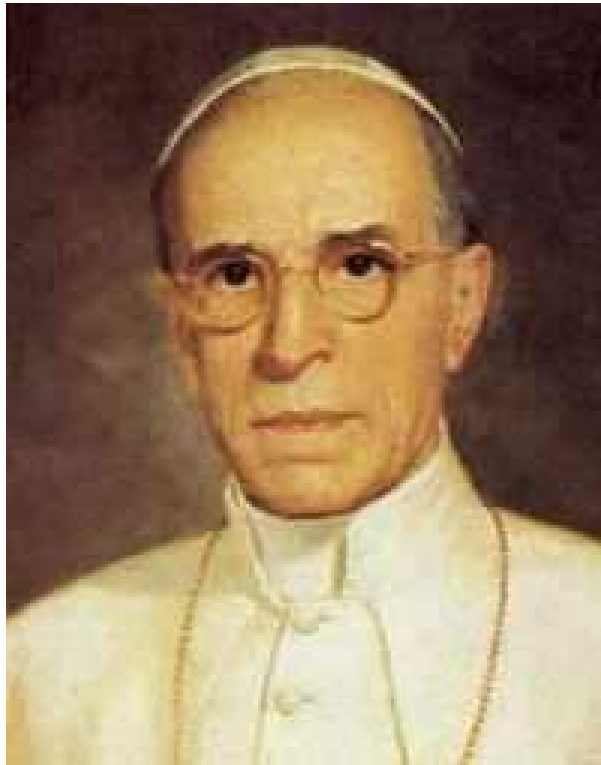
Fonte: Jornal "A Tribuna" 18 de abril de 1939



Fonte: Jornal "A Tribuna" 18 de abril de 1939

Diferente do Jornal "O Triângulo" que enfatizava a "neutralidade"

política da Igreja perante os assuntos políticos inerentes ao Estado, aqui a Igreja demonstrava seus interesses políticos ressaltando a eleição do Papa Pio XII e sua ação contra o totalitarismo.



Papa Pio XII (1876-1958)

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Papa_Pio_XII
Acesso dia 13 de junho às 23:30 horas

Os desdobramentos de Segunda Grande Guerra Mundial com as críticas do nazismo e do fascismo ao caráter intervencionista da Igreja Católica eram utilizados como justificativa para a própria intervenção política desta mesma Igreja. O entendimento da doutrina católica parte do princípio que no totalitarismo, o Estado deixa de ser um meio para o bem estar dos cidadãos para se tornar a própria finalidade da sociedade.

O totalitarismo entendido como o Estado em si mesmo, finalidade daquilo que a sociedade é, passa a representar um perigo para os católicos. Essa afirmação se justifica pelo entendimento da temporalidade da política que não se aproxima da eternidade de Deus expressa pela religião católica. Os líderes políticos têm seu tempo de vida e governos, mas a religião transcende a esse mesmo tempo, sendo eterna. Tal qual afirmamos anteriormente, o pressuposto da Igreja Católica era o controle de todos os processos políticos existentes na sociedade. Daí a negação ao totalitarismo, a Hitler e seus

representantes que não a aceitavam enquanto tal. Da mesma forma, os próprios horrores inerentes à guerra, como o massacre aos judeus, ciganos e mestiços, levavam a Igreja à condenação brutal desses acontecimentos. Caso a Igreja não fosse negada pelo nazismo e fascismo, como hipótese, talvez sua postura fosse de “neutralidade” conclamando os países envolvidos no conflito à “reflexão e à paz”, esperando, a partir dos desdobramentos da guerra, quem seriam os vencedores para realizar novas alianças políticas.



Foto Adolf Hitler (1889-1945)

Fonte: http://3.bp.blogspot.com/_0anqPb6DThA/TVCHo725m0I/AAAAAAAAAGk/nIclsci_vNU/s1600/HITLER+2.jpg acesso dia 13 de junho às 21 horas.

Para que não confundamos os leitores, nossa posição também é crítica com referência ao massacre ocorrido na guerra. Porém, o que destacamos, é que o discurso da bondade religiosa era negado pelos desdobramentos da guerra, visto que os países aliados e defendidos pela Igreja também cometiam seus genocídios. A guerra é o exemplo de uma autorização burocrática

mundializada para homens matarem outros homens a serviço dos interesses das classes sociais dominantes de seus países. O que a Igreja omitia em suas discussões eram os motivos que levaram ao desencadeamento da guerra movido por fortes manifestações culturais e, principalmente, econômicas: *a luta de grandes potências por novos mercados e acesso a matérias primas como desdobramento da inserção diferenciada dos países em conflito no capitalismo monopolista internacional.*

O jornal “A Tribuna”, tal qual apontamos anteriormente, apresentava as posições políticas e leituras de mundo de todos os segmentos políticos existentes na cidade. Porém, os Jornais “Lavoura e Comércio” e “Correio Cathólico”, ambos da cidade de Uberaba, no Triângulo Mineiro, defendiam concepções específicas dos grupos políticos a eles vinculados. É o que demonstraremos a seguir.

3.3 – Jornal “Lavoura e Comércio”.

O Jornal “Lavoura e Comércio”, de Uberaba, representou os interesses e visões de mundo dos fazendeiros, comerciantes e demais profissionais liberais da região. O levantamento de fontes históricas nesse jornal foi fundamental para a recuperação do pensamento empresarial da região abrangida por sua circulação. A composição da classe empresarial da região era heterogênea composta por diferentes segmentos sociais.

Seus pressupostos políticos tinham forte influência do liberalismo econômico e filosófico, negando, ao contrário da Igreja Católica, a concepção cultural religiosa como responsável pelo destino e vida dos homens.

De acordo com Lucena (2010 a), os pressupostos do liberalismo

[...] ganharam impulso, principalmente, no século XVIII e XIX, quando se articula uma negação revolucionária aos pressupostos feudais e metafísicos oriundos da idade média. Influenciado pelos pressupostos filosóficos inerentes à Filosofia das Luzes, o liberalismo atravessou fronteiras, se mundializou e globalizou, acirrando utopias e propostas em torno do progresso. (Lucena, 2010 a:17)

O liberalismo apostava em uma sociedade tecnológica, urbana e com o crescimento radical do comércio e da indústria.

Sua discussão foi processual, influenciando gerações de estudantes, filhos das classes favorecidas em diferentes países, especialmente no século XIX. A presença de suas ideias se dava em diferentes

segmentos em luta e disputa, tais quais no interior da classe trabalhadora ainda em construção, nas lutas contra a escravatura, na negação às monarquias, em defesa dos princípios republicanos, entre tantos outros. (idem. *ibid*: 27)

O mercado como agente regulador era a alternativa de concretização de uma sociedade baseada na concorrência, instrumento fundamental, segundo seus defensores, para a edificação de homens superiores e difusão do saber. Essa necessidade de regulação motivou os debates em torno da centralidade dos princípios da “Mão Invisível” de Adam Smith, reforçando a noção de individualidade e o papel das forças do mercado para esse fim: a crítica aos princípios metafísicos oriundos da Idade Média negadoras do acesso ao conhecimento e a mobilidade social em detrimento de uma estrutura rígida de existência social.

De acordo com Lucena (2010 a) Smith (1723-1790) no “Livro I, Capítulo III de A Riqueza das Nações” entende a divisão do trabalho limitada pela retenção do poder de troca no mercado. A redução do mercado desestimula a ocupação, pois dificulta a potencialidade de permuta da parcela excedente da produção que ultrapassa o consumo pessoal pela parcela de produção do trabalho alheio, da qual tem necessidade. Suas críticas também se edificaram em torno da organização monopolista e a intervenção no Estado na regulação da produção capitalista. Smith em o “*Livro I, Capítulo VII de a Riqueza das Nações*”, afirma que os monopólios criam relações potencializadoras da venda das mercadorias em preços acima do que realmente valem. A livre concorrência superaria essa situação potencializando o preço mais baixo possível no mercado. Smith em o “Livro II, Capítulo III de A Riqueza das Nações” elabora críticas à intervenção estatal na liberdade do mercado na circulação de mercadorias às. A luta contra a administração estatal centralizada, a corrupção e a ineficiência são fundamentais para a garantia das aspirações e melhoria das condições de vida dos indivíduos na sociedade.

Smith em o “*Livro IV, Capítulo I de A Riqueza das Nações*” reitera suas preocupações em torno da centralidade do mercado como pressuposto de desenvolvimento. Um país que não possui minas próprias sem dúvida é obrigado a trazer de fora seu ouro e prata, como acontece com quem não tem vinhedos próprios e tem que importar vinhos de fora. Todavia, não parece necessário que a atenção do Governo se voltasse mais para um objetivo do que para o outro. Um país que tem com que comprar vinho, terá à disposição o vinho de que necessita; e um país que tem com que comprar ouro e prata, nunca terá

falta deles. Com plena segurança achamos que a liberdade de comércio, sem que seja necessária nenhuma atenção especial por parte do Governo, sempre nos garantirá o vinho de que temos necessidade; com a mesma segurança podemos estar certos de que o livre comércio sempre nos assegurará o ouro e a prata que tivermos condição de comprar ou empregar, seja para fazer circular as nossas mercadorias, seja para outras finalidades. [...] A lei e a liberdade de agir por si próprio da maneira mais vantajosa deram sustentação a esse país em direção ao acúmulo de riqueza e desenvolvimento econômico em quase todos os períodos históricos anteriores. Contudo, afirma que é altamente impertinente e presunçoso, por parte dos reis e ministros, pretenderem vigiar a economia das pessoas particulares e limitar seus gastos. São sempre eles, sem exceção alguma, os maiores perdulários da sociedade. Inspecionem eles bem seus próprios gastos, e confiem tranquilamente que as pessoas particulares inspecionarão os seus. Se seu próprio esbanjamento não arruína o país, não será o de seus súditos que um dia o fará. (Smith in Lucena, 2010 a:28)

Todos esses pressupostos influenciaram os atores políticos que vinculavam suas ideias ao jornal através de uma concepção favorável ao mercado e a disputa entre empresários no Brasil e no exterior. A análise das fontes demonstrou uma forte vinculação dos empresários que divulgavam suas visões de mundo através deste jornal ao Rotary Club.¹⁷

As fontes investigadas mostraram a articulação dos membros do Rotary Club de Uberlândia com o Rotary Club de Uberaba, com participantes de membros de cidades de outros estados, tal qual o encontro com os representantes do Rotary da cidade de Franca, no estado de São Paulo. Esse encontro, uma articulação política entre os diferentes clubes, demonstrava o crescimento do pensamento e propostas liberais na região. As visitas entre os diferentes Rotary Clubes se explicam a partir de uma herança cultural das relações sociais oriundas da maçonaria, tema que debateremos um pouco mais a frente. A influência da maçonaria no Rotary Club implicava no entendimento das visitas entre membros das diferentes lojas como forma de integração e conhecimento dos pares voltados ao mesmo objetivo em diferentes locais do país.

A unicidade é entendida como ferramenta fundamental para a construção de um pensamento político e ação social singular em diferentes

¹⁷ Rotary Club é definido como um [clube de serviços](http://pt.wikipedia.org/wiki/Rotary_International) à comunidade local e mundial sem fins lucrativos, não é secreto, nem filantrópico ou social. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Rotary_International acesso dia 07 de fevereiro de 2011.

idades do Brasil. Daí, a dimensão dos rotarianos se intitularem como companheiros e os maçons como irmãos.



Fonte: Jornal Lavoura e Comércio – 02 de julho de 1937

A construção do pensamento liberal na região tendo como referência o jornal em questão implicou em apoios governamentais e, ao mesmo tempo rupturas. Os segmentos empresariais vinculados às classes dominantes de um país não são homogêneos, mas sim apresentam contradições e rupturas em seu interior que são superadas em períodos de crise que colocam condições concretas para a sua própria existência.

Essa afirmação justifica a luta contra o fisco demonstrada pelos empresários no jornal em estudo no ano de 1937. Apesar do apoio ao governo estadual, levantou-se uma luta na região contra a arrecadação de impostos dos fazendeiros promovida por um funcionário do governo nomeado para a região. A dialética entre o poder local e o estadual se apresentava com toda amplitude, demonstrando rupturas e contradições.

O pedido de nomeação de outro funcionário público estatal para a arrecadação de impostos na região exemplificava a dimensão do coronelismo